

CONFLITOS DA JUVENTUDE

“Alegra-te, mancebo, na tua mocidade, e anime-te o teu coração nos dias de tua mocidade, e anda pelos caminhos de teu coração, e pela vista dos teus olhos; sabe, porém, que por todas estas coisas Deus te trará a juízo. Afasta, pois, do teu coração o desgosto, remove da tua carne o mal; porque a mocidade e a aurora da vida são vaidade...Vaidade de vaidades, diz o pregador; vaidade de vaidades, tudo é vaidade.” (Eclesiastes 11:9-10; 1:2).

A juventude é uma fase de “miragem” ; uma fase do “parece que é mas não é”; uma fase do “não sei o que é que está acontecendo comigo ou com o mundo ao meu redor”. Esta é a fase do vir a ser o que se há de ser dentro do “melhor ou do pior” da conjuntura social e psicológica em que se está inserido. Daí o ser uma fase de dúvidas, medos, incertezas e conflitos diante do desconhecido do que se há de vir a ser.

Se o jovem tem a boa ventura, ou “sorte” segundo o dito popular, de pertencer e ser criado em um núcleo familiar estável, equilibrado e coeso, levante as mãos aos céus, pois tem todas as chances de atravessar a turbulência da juventude sem carregar seqüelas, cicatrizes, que venham dificultar o caminhar harmonioso da vida adulta.

A pessoa do pai, não somente a figura, presente e atuante nas vidas dos filhos desde a mais tenra infância até o tornar-se adulto; presente como referencial de segurança, de proteção, de valores e de princípios, estabelecerá no jovem a confiança em tomar o seu próprio rumo na vida, tornando-se ele mesmo referencial para outros.

A pessoa da mãe, e mais uma vez, não só a figura, presente e aglutinadora, provendo uma maternagem (o carinho do amamentar, do dar banho, do trocar fraldas, do acalantar no colo) que se estenda até o tornar-se adulto, estabelecerá no jovem o senso de “pertencer a uma família” onde seu ser enquanto ser é valorizado, e por isto mesmo terá condições de construir a sua própria nos moldes e referenciais recebidos.

Na falta do núcleo familiar norteador, que não tem que ser necessariamente de pais biológicos, o jovem fica perdido. Perdido no “si mesmo” e perdido “do outro”. Não será capaz de formar por si só um referencial que lhe dê sentido de ser e existir. Por isso muitas vezes se perde nos descaminhos da vida. Aqui entra Deus que se propõe em ser o referencial dos referenciais. Não só para aquele que não teve a ventura de ter crescido em um lar norteador, mas também para o que teve. Os descaminhos da vida não perdoam qualquer que seja que não se liga ao referencial maior – Deus, em Cristo Jesus. Há, portanto, solução para o jovem diluir seus conflitos no seio do Pai dos pais.